

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FALE - FACULDADE DE LETRAS

SILMARA FERREIRA DA SILVA

PODCASTS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE USO NO ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA NA REDE PÚBLICA À LUZ DAS
MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

MACEIÓ - AL

2021

SILMARA FERREIRA DA SILVA

PODCASTS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE USO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA NA REDE PÚBLICA À LUZ DAS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de LETRAS - Inglês da FALE na Universidade Federal de Alagoas como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Letras, sob orientação da prof^a. Dr^a. Cátia Veneziano Pitombeira.

MACEIÓ - AL

2021

Folha de Aprovação

AUTORA: SILMARA FERREIRA DA SILVA

PODCASTS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE USO NO ENSINO DE
LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA DA REDE PÚBLICA
À LUZ DAS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial para a obtenção do título
de licenciado em Letras - Língua Inglesa e suas
Literaturas da Universidade Federal de Alagoas e
aprovado em 27 de setembro de 2021.

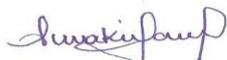


Prof. Dra. Cátia Veneziano Pitombeira (UFAL – SIAPE 3138408) - Orientadora

Banca Examinadora:



Prof.^a. Dr.^a. Cátia Veneziano Pitombeira SIAPE 3138408 (Presidente e Orientador)



Prof.^a. Dr.^a. Simone Makiyama SIAPE 1288394 -UFAL (Examinadora)



Prof.^a. Dr.^a. Adriana Lopes Lisboa Tibana SIAPE 2316034 - UFAL (Examinadora)

PODCASTS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES DE USO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DA ESCOLA NA REDE PÚBLICA À LUZ DAS MÚLTIPLAS INTELIGÊNCIAS

Silmara Ferreira da Silva¹

Resumo: Diante de um mundo globalizado e da pandemia causada pela COVID-19 nos anos 2020-2021, os modelos de ensino tiveram de ser modificados abruptamente. Dentre as mais variadas formas de ensinar, aspectos identitários como o contexto sociocultural, inteligências múltiplas e acesso à tecnologia, trouxeram uma certa emergência na modernização do modelo de ensino-aprendizagem tradicional que vinha/vem, normalmente, sendo empregado nas salas de aulas. O presente artigo apresenta uma proposta de aula de língua inglesa para a educação básica da rede pública sob a perspectiva de Multiletramentos e das Múltiplas Inteligências, aprofundando-se no uso de um recurso em especial: o *podcast*. Utilizando uma metodologia qualitativa a partir de levantamentos bibliográficos, o artigo se dispõe a navegar por um universo de possibilidades do uso de *podcast* em sala de aula, propondo um plano para introdução desse recurso e estratégias de avaliação. Através da argumentação, conclui-se que o *podcast* é versátil, simples e muito rico, conseguindo adaptar-se aos mais diversos gostos, e abrangendo as diversas habilidades de uma língua.

Palavras-chave: *podcast*; múltiplas inteligências; multiletramento; plano de aula.

Palavras-chave: Due to globalization and the pandemic caused by COVID-19 in the years 2020-2021, teaching models had to be abruptly changed. The existence of multiple ways of teaching, aspects such as the sociocultural context, multiple intelligences and access to technology, brought a certain emergence in the modernization of the traditional teaching-learning model that was/has been often used in classrooms. This article presents a proposal for an English Class in a Public High School from the perspective of Multiliteracies and Multiple Intelligences, deepening the use of a special resource: the podcast. Using a qualitative methodology based on bibliographic surveys, the article is willing to navigate through a universe of possibilities for the use of podcasts in the classroom, proposing a lesson plan for introducing this resource and an assessment approach. Through argumentation, it is concluded that the podcast is a versatile, simple and rich tool. It manages to adapt to the most diverse styles, and covers the multiple skills of a language.

Key words: podcasts; multiple intelligences; multiliteracy; lesson plan.

Introdução

A globalização, também chamada de mundialização, é considerada um complexo fenômeno moderno, com diversas faces e facetas, que afetam diretamente a economia, bem como muitos povos no âmbito cultural (GUIMARÃES, 2007). Sendo assim, muito se fala sobre suas consequências no mundo, incluindo na área educacional, frequentemente contemplando os aspectos positivos. A aproximação, facilitada pela internet e pelos intercâmbios variados,

¹ Graduanda em Letras/Inglês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

dos povos e culturas, resultou em uma maior conexão e troca de informações, de forma mais rápida e rica. Há, contudo, um lado obscuro:

A globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo “localizador”, de fixação no espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existentes de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização; o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel (BAUMAN, 1999, p. 7)

Embora seja evidente o aspecto negativo enfatizado por Bauman - que demonstra que não se pode falar sobre globalização de forma acrítica -, também é fato salientar que o Brasil, enquanto um país ainda em desenvolvimento, pode se localizar em diferentes espectros no que diz respeito à globalização - ora se beneficiando, ora sendo explorado.

O debate acerca da posição do Brasil no contexto global é extenso e vem sendo muito ponderado. Há uma “discussão mais consequente que busca caracterizar a complexa relação existente entre as transformações econômicas, sociais, culturais e políticas que ocorrem em âmbito mundial e seus desdobramentos no plano da cidadania, dos direitos e da educação” (GUIMARÃES, 2007, p. 140), ou seja, os mais diversos setores de uma sociedade ainda estão tentando se encontrar - saber seus poderes e fraquezas - dentro de um país em desenvolvimento e estão a descobrir como melhor desempenhar seu papel.

A internet surgiu como ferramenta chave para o processo de globalização acontecer, em meados dos anos 90. Esse recurso, hoje em dia tão fundamental e necessário, encontra-se nas mais diversas práticas sociais, como na economia, em bancos, nas atividades essenciais e nos momentos de lazer. Apesar de sua crescente e inegável expansão, “a informática e a internet vêm encontrando dificuldades para conquistar o nosso sistema educacional de forma mais consistente.” (GUIMARÃES, 2007, p. 140).

Durante todo esse processo, o choque de uma nova realidade atingiu inúmeras profissões no ano de 2020. A pandemia causada pelo novo coronavírus, agente da doença COVID-19, fez com que milhões de pessoas tivessem que adaptar seu estilo de vida dentro e fora da profissão, incluindo professores, pais e alunos. No caso das escolas, durante o período de quase um ano, variando entre cada estado, as aulas presenciais foram suspensas e adotou-se o ensino remoto em caráter nacional.

Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020, p.01).

Segundo Moreira e Schlemmer (2020, p. 8) “[...] Aula Remota se configura como uma modalidade de ensino ou aula que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e estudantes e vem sendo adotada nos diferentes níveis de ensino [...] em função das restrições impostas pelo COVID-19”. O uso da tecnologia se fez mais necessária que nunca, tornando-se o principal recurso de uso para que a educação continuasse a acontecer por meio de aulas remotas.

Neste momento de necessidade de adaptação, de reinvenção e de reação ao desafio imposto pelo COVID-19, a Linguística Aplicada oportuniza o diálogo entre linguagem, tecnologia e educação capazes de amparar suas respectivas peculiaridades de modo interdisciplinar em busca de possíveis soluções na relação escola e sociedade, de modo que o ensino-aprendizagem torne-se significativo, efetivo e contínuo independente da modalidade em que é oferecido, mantendo em equilíbrio os direitos e deveres de alunos e professores.

A relação escola e sociedade tem como premissa um documento de caráter normativo, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que visa garantir um conjunto de aprendizagens essenciais a partir da utilização de tecnologias, desde que os objetivos pedagógicos estejam claramente definidos de forma crítica e responsável, como regido na Competência 5²:

Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva. (Brasil, Base Nacional Comum Curricular, 2017, p.7)

O uso de recursos tecnológicos são múltiplos e cheios de possibilidades. É necessária a ponderação e estudo de cada um e de suas particularidades, no ensino presencial e remoto. Dentre várias possibilidades de seu uso no ensino de Língua Inglesa na educação Básica da escola da rede pública, escolhe-se aqui o *podcast* por seu caráter diversificado, de fácil acesso e integrador, além do potencial em praticar as quatro habilidades de uma língua (leitura, escrita, escuta e fala) em diversas formas de uso.

Adotamos a pesquisa qualitativa por considerar a visão de mundo sob a perspectiva interpretativista com foco no processo do cotidiano para analisar os resultados (DENZIN, LINCOLN, 2006). Realizamos um levantamento bibliográfico em diálogo com a utilização de materiais a fim de construir uma sólida base argumentativa e teórica para apresentação de uma proposta de aula.

²Competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho. (Brasil, 2017, p. 6)

Assim, organizamos esse trabalho em quatro seções. Na primeira, abordamos a língua inglesa e multiletramentos no contexto tecnológico. Na segunda, falamos da importância da formação do aluno em ser agente autônomo, à luz das Inteligências Múltiplas. Na terceira, refletimos sobre o recurso tecnológico *podcast* e suas potencialidades. Na quarta, trabalhamos a elaboração de um plano de aula possível para o ensino remoto e presencial. Por fim, as considerações finais do estudo seguido das referências apresentadas nesse estudo.

1. Língua Inglesa à luz da BNCC e Multiletramentos

Ensinar uma língua estrangeira, neste caso a inglesa, está além de ser exclusivamente o idioma por si próprio. A língua é cultural, histórica e está sempre em movimento. Segundo a BNCC (BRASIL, 2017, p. 237), “o estudo da língua inglesa pode possibilitar a todos o acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa”. Deste modo, ressalta-se a relevância da aprendizagem da língua inglesa como um dos aspectos norteadores à atuação diligente dos cidadãos nas práticas sociais.

O inglês, priorizado com foco em sua função social e política, passa a ser tratado com seu *status* de língua franca. Consequentemente, não mais se fala em inglês “certo” ou “errado”, e sim aborda-se sua posição de desvinculação a um território específico. Essa concepção dá base a um ensino voltado para a interculturalidade e para o reconhecimento das diferenças (BRASIL, 2017, p. 237-238). Afirma-se, portanto, a importância e relevância de seu estudo nas escolas.

Sob essa ótica, ponderamos sobre como o ensino-aprendizagem de inglês está sendo guiado no presente momento nas escolas públicas. O professor, ao olhar para toda a esfera, vê e anseia por medidas concretas que possibilitem ações que voltem a relacionar educação e as expectativas de uma sociedade que é dinâmica, e que se encontra em processo de digitalização (FREIRE, 2009). Ou seja, a conjuntura da escola na contemporaneidade demonstra uma mudança necessária no sistema tradicional de ensino, em busca de uma melhor adequação do ato de ensinar as novas modalidades de aprendizagem que vêm sendo estudadas.

Em decorrência disso, vê-se que a educação avança em direção à ótica de letramento, ou melhor, dos multiletramentos:

A visão dos multiletramentos é concebida também nas práticas sociais do mundo digital – no qual saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico. (BRASIL, 2017, p.238)

O conceito de Multiletramentos expressa-se importante, pois está intrinsecamente relacionado às diversas formas de apresentação de um determinado conteúdo, incluindo seu uso tecnológico em sala de aula. Segundo Coscarelli (2019), o Multiletramento trabalha com vários canais de comunicação e mídias, atingindo múltiplas linguagens, bem como o respeito à diversidade linguística e cultural que integram esses meios.

O Multiletramento acolhe as novas pedagogias do letramento (ROJO, 2013 apud HETKOWSKI; MENEZES, 2019). Essa perspectiva evidencia o valor positivo de levar em consideração o meio social, expectativas e diferenças na ocasião favorável ao ensino-aprendizagem.

Uma pedagogia de Multiletramentos, ao contrário, concentra-se em modos de representações muito mais amplos do que apenas a linguagem. Estes diferem de acordo com a cultura e o contexto, e têm efeitos cognitivos, culturais e sociais específicos³. (COPE, KALANTZIS, 2000, p. 5, tradução da autora)

Todo esse estudo colide com o sistema tradicional de ensino amplamente utilizado nos dias de hoje, já que o professor encontra em sua sala de aula alunos conectados e com acesso à informação, enquanto lida com uma escola normativa e previsível, que ainda prioriza uma linguagem prescritiva. (FREIRE, 2009, p. 16). Estudar grafia ou palavras soltas visando o aumento do vocabulário não engloba todo o potencial que se pode ter dentro da sala de aula. “O letramento escolar grafocêntrico, mesmo sendo importante, não é suficiente para dar conta das mudanças constantes, sobretudo tecnológicas, que ocorrem tanto local quanto globalmente” (PINHEIRO, 2016, p. 1). Pelo contrário, o Multiletramento “traz novas demandas, que são as habilidades de interpretar a linguagem em suas diferentes representações, por conta dos textos multimodais que combinam mais de um modo semiótico em sua organização” (HETKOWSKI; MENEZES, 2019, p. 214). Vê-se, portanto, o caminho dos Multiletramentos como uma opção de adequação viável e necessária ao que queremos propor no ensino de língua inglesa, pois essa perspectiva dá voz ao uso de recursos digitais como meio válido e importante na conjuntura escolar atual. Os alunos precisam sentir-se contextualizados durante o estudo, ao mesmo tempo em que se sintam capazes e motivados em realizar as atividades propostas.

Sendo assim, “a utilização do termo multiletramentos vem para ampliar o processo e arcabouço que contém os aparatos tecnológicos digitais, como mídia, multimídia, texto, hipertexto etc” (HETKOWSKI; MENEZES, 2019, p. 215). Abordar essa perspectiva torna-se

³ No original: A pedagogy of Multiliteracies, by contrast, focuses on modes of representations much broader than language alone. These differ according to culture and context, and have specific cognitive, cultural and social effects

válido para atingir a crescente demanda de adaptação do ensino à nova realidade global, seja por encontrar alunos mais conectados bem como para remodelar as aulas em contexto ao ensino remoto. A BNCC suporta essa condição de estudo embasado em diferentes plataformas, ao afirmar que os alunos devem “explorar ambientes virtuais e/ou aplicativos para construir repertório lexical na língua inglesa” (BRASIL, 2017, p. 245).

Concebendo a relevância do estudo do inglês de acordo com o contexto encontrado em cada escola; a necessidade de amoldamento do ensino escolar com a globalização e tecnologia; o embasamento proposto pela perspectiva dos multiletramentos para usar diversos materiais dentro e fora de sala de aula, e as adaptações imperativas decorrentes de alunos mais conectados e em função da pandemia, reitera-se, portanto, a necessidade de inovações na abordagem do ensino de inglês. Compreendendo os fatores mencionados previamente, abordaremos o uso do recurso *podcast* como facilitador e incentivador no processo de ensino-aprendizagem da língua inglesa na escola pública de nível básico e estratégias de como formar alunos autônomos em seu próprio processo de aprendizagem.

2. O aluno autônomo e as Inteligências Múltiplas dentro e fora de sala de aula

O novo cenário encontrado em sala de aula pelos educadores carrega a necessidade da abordagem de uma nova perspectiva, como a dos Multiletramentos, para que os alunos aprimorem o aprender com o apoio de recursos distintos, com contextos adaptados e significativos. Por conseguinte, faz-se necessário ressaltar, antes de abordarmos a importância e potencialidades do *podcast*, a relevância de ensinar não somente os alunos a utilizarem o recurso dentro de sala de aula, mas também a ativarem seu modo autônomo e crítico no próprio processo de ensino-aprendizagem. Segundo Rodolfo Santos e Sérgio Ifa (2013, p. 2):

Acreditamos que o desenvolvimento da consciência crítica do aluno [...] ganha terreno e aponta para a emergência de práticas de ensino que objetivem não somente o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos sujeitos aprendizes, mas também a formação de cidadãos críticos e conscientes a partir da interação provocada em sala de aula para buscar e valorizar a expansão da percepção sobre assuntos diversos.

Para Kumaravadivelu (2001), há dois aspectos na autonomia: autonomia acadêmica e autonomia social. A autonomia social é “interpessoal e está relacionada à habilidade e vontade do estudante de funcionar efetivamente como um membro cooperativo de uma comunidade

escolar” (KUMARAVADIVELU, 2001, p. 546, tradução da autora)⁴. Já a autonomia acadêmica, que nos interessa mais à presente discussão, ocorre quando o aluno é capaz de compreender seus processos no ensino-aprendizagem e escolher as melhores formas, recursos e estratégias ao aprender.

À vista disso, ao ensinar determinado conteúdo, como a Língua Inglesa, é preciso também que, com o objetivo de atingir o novo perfil de alunos mais conectados, também seja modelada a postura de assumir o comando de suas respectivas aprendizagens. Isso significa principalmente que “os professores dão aos alunos um conjunto de técnicas cognitivas, metacognitivas e afetivas que eles podem usar para uma aprendizagem bem-sucedida.” (KUMARAVADIVELU, 2001, p. 545, tradução da autora)⁵.

Dessa maneira, é enaltecida a importância da orientação, ainda em sala de aula, em ensinar os alunos a não somente aprender uma segunda língua na escola, mas também a se tornarem agentes ativos de sua própria aprendizagem, sendo capazes de criticamente procurarem, analisarem, descartarem e escolherem o melhor recurso para si no momento de aprender um conteúdo, sintetizando, assim, o conceito de aluno autônomo. Fica evidente, portanto, a posição essencial do professor na adição de repertório para que esses alunos consigam se tornar os seres independentes tão necessários no contexto atual de globalização, já que o fácil acesso à informação por meio da internet engrandece as possibilidades que podem se abrir para os alunos que sabem acessá-las de forma efetiva e positiva. A reflexão de Kumaravadivelu (2001, p. 546, tradução da autora)⁶ aponta que “a quantidade de informação disponível neste momento sobre estratégias e estilos de aprendizado abre oportunidade para estudantes monitorarem seu processo de ensino-aprendizagem e maximizarem seu potencial ao aprender”.

Durante o processo de formação de independência dos alunos dentro da sala de aula, é necessário, para resultados mais significativos, levar em consideração cada contexto e cada aluno como indivíduo. Segundo Gardner (2011, p. 249, tradução da autora⁷), nosso corpo “é também o recipiente do senso do indivíduo sobre si mesmo, seus sentimentos e aspirações mais

⁴ No original: social autonomy is interpersonal and is related to learners’ ability and willingness to function effectively as cooperative members of a classroom community.

⁵ No original: Taking charge has mostly meant teachers giving learners a set of cognitive, metacognitive, and affective techniques that they can use for successful learning.

⁶ No original: The wealth of information now available on learning strategies and styles opens up opportunities for learners to monitor their learning process and maximize their learning potential.

⁷ No original: It is also the vessel of the individual’s sense of self, his most personal feelings and aspirations, as well as that entity to which others respond in a special way because of their uniquely human qualities.

peçoais, bem como a entidade à qual os outros respondem de uma maneira especial por causa de suas únicas qualidades humanas”. Ou seja, o ser humano tem a noção de ser único, com aspirações peçoais, formas específicas de aprender e inteligências diversas.

Inteligência é a habilidade do indivíduo de resolver problemas (MARCHETTI, 2001). Dessa forma, esses problemas podem surgir em diferentes peles, seja ela matemática, lógica, linguística, entre outros exemplos. Expõem-se, portanto, em diferentes lugares - incluindo em uma aula de inglês.

Atendendo esse ponto de vista, Gardner aborda o conceito de Inteligências Múltiplas e leva tal perspectiva também para a sala de aula. O autor propõe a existência de ao menos sete inteligências, que resumem-se à inteligência linguística, lógico-matemática, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal e intrapessoal (GARDNER, 2011).

Com o objetivo de enriquecer a metodologia dentro de sala de aula oferecendo uma ampla visão de possibilidades educativas com o intuito de atingir a maior gama de alunos em suas respectivas inteligências dominantes, aborda-se, no presente artigo, a teoria das inteligências múltiplas. Sintetizamos as inteligências na tabela abaixo, seguindo observações de Armstrong (2009, p. 6-7):

Quadro 1: Múltiplas Inteligências

Inteligência Linguística	habilidade no uso das palavras nas mais diversas formas. Consegue “manipular a sintaxe ou a estrutura da linguagem, a semântica ou os significados da linguagem”
Inteligência Lógico-Matemática	habilidade em lidar bem com números e possui bom raciocínio. Consegue categorizar elementos com certa facilidade.
Inteligência Espacial	a pessoa “[...] percebe com precisão o mundo visoespacial e realiza transformações sobre essas percepções”
Inteligência Corporal-Cinestésica	habilidade em saber utilizar seu corpo para expressar ideias e realiza atividade de coordenação motora fina e grossa com mais maestria.
Inteligência Musical	o indivíduo possui “sensibilidade ao ritmo, tom ou melodia.”
Inteligência Interpessoal	habilidade em lidar de forma fácil com as pessoas ao redor, consegue ler bem os terceiros e compreender as distinções de cada um.

Inteligência Intrapessoal	a pessoa possui “autoconhecimento e a capacidade de agir adaptativamente com base neste conhecimento.”
---------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------

Sendo assim, com o aprimoramento de estudos no campo educacional, sabe-se que dentro de sala de aula, hoje, encontram-se estudantes mais conectados e, independente de poder aquisitivo ou faixa etária, com aptidões e inteligências diferenciadas. Conseqüentemente, a abordagem ao aprender se renova em cada indivíduo, e um plano de aula que se adapta muito bem para um aluno com inteligência musical, por exemplo, pode não atender às expectativas do estudante com maior inteligência lógico-matemática. Assim, “a teoria das múltiplas inteligências oferece aos professores uma oportunidade de desenvolverem estratégias de ensino inovadoras que são relativamente modernas ao cenário educacional” (ARMSTRONG, 2009, p. 72, tradução da autora)⁸.

O uso de determinados recursos, como o *podcast*, quando aplicados em uma vasta gama de moldes, pode facilitar o acolhimento por parte dos alunos e, conseqüentemente, abranger mais inteligências do que uma simples atividade tradicional alcançaria.

É importante salientar que todas as pessoas possuem todas as inteligências (ARMSTRONG, 2009). Não é adequado defender que uma inteligência é melhor que outra. Por certo, cada inteligência já foi mais reconhecida em determinados pontos na linha temporal da humanidade. “Certas inteligências já foram mais importantes em tempos passados do que são hoje. Da mesma forma, certas inteligências podem se tornar mais importantes no futuro”. (ARMSTRONG, 2009, p. 13, tradução da autora)⁹.

Em suma, notabiliza-se a teoria em questão para estudo e uso no planejamento didático, e a unimos como aquisição importante e necessária nas aulas de língua inglesa. Como defende Gardner (2011, p. 4, tradução da autora)¹⁰:

Inteligência deve ser muito mais do que respostas curtas a perguntas curtas - respostas que predizem o sucesso acadêmico; e, no entanto, na ausência de uma melhor maneira de pensar sobre a inteligência, e de melhores maneiras de avaliar as capacidades de um indivíduo, esse cenário está destinado a se repetir universalmente em um futuro previsível.

⁸ No original: the theory of multiple intelligences offers teachers an opportunity to develop innovative teaching strategies that are relatively new to the educational scene.

⁹ No original: Certain intelligences seem to have been more important in earlier times than they are today. Similarly, certain intelligences may become more important in the future.

¹⁰ No original: There must be more to intelligence than short answers to short questions—answers that predict academic success; and yet, in the absence of a better way of thinking about intelligence, and of better ways to assess an individual’s capabilities, this scenario is destined to be repeated universally for the foreseeable future.

Na próxima seção, abordaremos o recurso *podcast* à luz das perspectivas previamente expostas e, na seção 4, apontamos com determinada profundidade propostas de planos de aula utilizando essa tecnologia, tomando em vista a riqueza das inteligências múltiplas e como utilizá-las em sala de aula. O importante é considerar esse fator crucial na aprendizagem efetiva dos alunos em sala de aula, e que as ideias da teoria podem ser aplicadas em sala de aula de diversas formas, não havendo um guia que precisa ser seguido (ARMSTRONG, 2009).

Diante do exposto, há o embasamento teórico para confecção de um planejamento e para a utilização de um novo recurso digital dentro de sala de aula, com o intuito de ter o melhor proveito de suas potencialidades, bem como ter um olhar de cuidado significativo para os estudantes enquanto indivíduos.

3. *Podcast* e suas potencialidades para o ensino de Língua Inglesa

Em 2005, o dicionário New Oxford American escolheu “*podcast*” como palavra do ano. A definição para o termo foi “uma gravação digital de emissão radiofônica ou programa similar, disponibilizada na internet para ser baixada para um tocador pessoal de música digital”. Segundo Cebeci e Tekdal (2006, p. 47, tradução da autora)¹¹, o *podcast* é “um conteúdo em áudio disponibilizado através de feeds RSS em áudio blogs”, ou seja, um recurso digital encontrado em diferentes plataformas na internet em formato RSS (*Real Simple Syndication*) que “proporciona ao usuário da internet receber informações atualizadas sem a necessidade de visitar os sites um a um” (REIS, GOMES, LINK, 2012, p. 5). A decisão do New Oxford American em ter escolhido *podcast* como palavra do ano aponta para a ascensão da popularidade deste recurso no uso diário pela população. Os motivos se desdobram em muitos: simples e prático, pois não exige grandes conhecimentos tecnológicos como pré-requisito para seu acesso, diversificado, pois há uma imensa gama de temas disponíveis; e também por ser muito presente nas grandes plataformas de *streaming* mundial, como o Spotify® e YouTube®.

Há atualmente *podcasts* que abordam diversos assuntos, desde entretenimento até conteúdo informativo e de aprendizagem. Há um farto conteúdo disponível na internet para os mais diversos gostos e contextos. Ao focar especificamente em *podcasts* para língua inglesa, encontram-se muitos resultados da mesma forma. É preciso, porém, cautela e conhecimento para escolher o que mais convém às expectativas que o ouvinte deseja no momento, principalmente no que se refere ao ensino de inglês.

¹¹ No original: an audio content syndication through RSS feeds in the audioblogs

Avaliando o uso das tecnologias na sociedade atual, observa-se que elas “estão cada vez mais relacionadas aos ambientes escolares” (FERRAZ, 2014, p. 54) e que esse acesso permite que a geração de nativos digitais sinta prazer em usar tecnologias, editar conteúdos *online* e dominar novas formas de comunicação para desenvolver sua própria autonomia durante o processo de ensino-aprendizagem. (REIS; GOMES; LINCK, 2012, p. 2). Diante do exposto e levando em consideração a importância da diversificação de atividades em sala de aula proposta pela perspectiva dos Multiletramentos, e da necessidade da construção de alunos autônomos dentro do contexto escolar, entende-se que o recurso *podcast* é uma opção viável e com grande qualidade para atender a essas expectativas. É significativo, também, que o professor veja a importância das multiculturalidades e da interação social no ensino de língua estrangeira (REIS; GOMES, 2014), fatores presentes no emprego do presente recurso.

Os argumentos para sua utilização decompõem-se em muitos. O *podcast*, por ser um arquivo em áudio, permite o trabalho de diversas habilidades distintas por parte dos professores e alunos. É possível trabalhar o aspecto de escuta em seus estudantes, ao acessar um material já disponibilizado na internet. Em contrapartida, atividades de escrita na criação do próprio *podcast*, gravação e leitura de scripts montados, também se faz possível. As diversas possibilidades de atividades propiciam acessar diferentes alunos com diversas inteligências, fator importante como exposto na seção anterior. “Mesmo o ensino linguístico tradicional pode ocorrer de várias maneiras destinadas a estimular as oito inteligências.” (ARMSTRONG, 2009, p. 57, tradução da autora¹²). Para esclarecer com exemplos, Armstrong (2009, p. 57, tradução da autora¹³) afirma que:

O professor que ensina com ênfase rítmica (inteligência musical), desenha no quadro para ilustrar pontos (inteligência espacial), faz gestos dramáticos ao falar (inteligência corporal-cinestésica), faz uma pausa para dar aos alunos tempo para refletir (inteligência intrapessoal), faz perguntas que convidam interação espirituosa (inteligência interpessoal) e inclui referências à natureza em suas palestras (naturalista) está usando os princípios das Inteligências Múltiplas.

Essas passagens podem ocorrer até mesmo em uma sala de aula tradicional (ARMSTRONG, 2009). Ao voltar para a óptica dos *podcasts*, suas potencialidades são elevadas. Se o aluno mostra habilidades com a inteligência intrapessoal, por exemplo, ele pode ter predisposição a preferir o uso do *podcast* como ouvinte, pois é uma atividade que exige

¹² No original: Even traditional linguistic teaching can take place in a variety of ways designed to stimulate the eight intelligences.

¹³ No original: The teacher who lectures with rhythmic emphasis (musical), draws pictures on the board to illustrate points (spatial), makes dramatic gestures as she talks (bodily-kinesthetic), pauses to give students time to reflect (intrapersonal), asks questions that invite spirited interaction (interpersonal), and includes references to nature in her lectures (naturalist) is using MI principles.

autoconhecimento e tempo de qualidade sozinho, além de demandar uma capacidade de autodisciplina. Se, por outro lado, o aluno possui inteligência interpessoal, pode preferir usar o recurso em atividades grupais, exigindo a habilidade de analisar voz e expressões ao ouvir e trabalhar na criação de um *podcast*.

Ensinar na escola a como usar essa tecnologia é relevante e significativo, pois é uma estratégia que engloba aspectos únicos à sua natureza. Oliveira e Cardoso (2009) mostram os benefícios no uso de *podcasts* para o estudo de uma língua estrangeira, uma vez que, no ensino de línguas, a pronúncia, a acentuação e a inflexão são essenciais para a sua aprendizagem. A prática da oralidade e da audição muitas vezes é deixada de lado na forma de ensino tradicional, que foca a leitura. Foster defende no episódio 214 em seu *podcast* sobre ensino de inglês, Inglês Nu e Cru Rádio, que estadunidenses tendem a aceitar deslizes gramaticais, mas a incompreensão pela pronúncia é um fator negativo, afetando como ele, falante nativo, percebe o nível do estudante. Dessa forma, o uso do *podcast* proporciona um maior contato em relação à habilidade da fala. De acordo com Oliveira e Cardoso (2009, p.89) os alunos, “ao ouvirem à sua vontade, aprofundam mais a compreensão dos materiais da sala de aula e, ao criarem eles próprios *podcasts*, melhoram sua fluência”.

Outra vantagem ao empregar o *podcast* é que este “promove o desenvolvimento das competências dos alunos para se concentrarem nas suas capacidades de estudo e a capacidade de se apropriarem do seu próprio progresso” (OLIVEIRA; CARDOSO, 2009, p. 89). Assim sendo, o conceito de Kumaravadivelu (2001) sobre autonomia acadêmica se faz presente, já que o emprego dessa estratégia alavanca a independência do aluno, ensinando-o a aprender e a como aprender. Apresentar uma gama de recursos, e além disso, ensinar como os estudantes podem procurar, analisar, selecionar e aprender de forma autônoma, deve fazer parte do objetivo educacional em criar cidadãos efetivos e transformadores na sociedade, com a habilidade crítica suficiente para apreender e diferenciar informações.

O fator diferenciador de alguém que só usa a plataforma para escutar *podcasts* sem maior propósito para alguém que sabe tirar o maior proveito pedagógico do recurso reflete nos resultados obtidos. Tomé (2012) defende que há o desenvolvimento da cognição dos estudantes ao utilizarem o *podcast*, quando os mesmos selecionam atividades que envolvam explorar a capacidade de compreensão auditiva. Ensinar o uso da plataforma aumenta a prática e guia os mais diversos tipos de estudantes.

Planejar para criar uma sala de aula mais inclusiva é relevante e necessário. Além de acessar as mais diferentes inteligências, também pode ser uma abordagem para estudantes com adversidades, pois o recurso pode ser “muito valioso para aqueles alunos que não leem bem,

têm um estilo de aprendizagem auditivo, e claro, aqueles com deficiências visuais”. (OLIVEIRA; CARDOSO, 2009, p. 90).

Além disso, por ser de fácil acesso, o seu uso “permite o alargamento dos contextos de estudo possibilitando diferentes locais, dentro e fora da escola, onde este pode ser realizado” (OLIVEIRA; CARDOSO, 2009, p.89). Segundo os mesmos autores (2009, p. 89):

O uso dos *podcasts* é uma das últimas novidades que vai ao encontro destes, pois permite criar materiais sobre todo o tipo de temas, estão disponíveis 24 horas, são atualizados regularmente, são autênticos e gratuitos, permitem-nos realizar ensino diferenciado e reforçar o que foi ensinado, melhorando, assim, o desempenho da língua. Permitem por outro lado a produção de materiais, por parte de cada aluno, que mostrem aquilo de que são capazes.

Por fim, a preparação por parte do professor possibilita um maior número de opções de ideias e, conseqüentemente, enriquece as aulas com atividades diferenciadas que podem ser facilmente adaptadas. Planejar material é, sem dúvidas, um desafio no campo da docência de modo geral. Segundo Leffa (2008, p. 15) “A produção de materiais de ensino é uma sequência de atividades que tem por objetivo criar um instrumento de aprendizagem”. Sendo assim, ao utilizar o *podcast*, o professor entrega em suas aulas um material diversificado, em um formato rico para o ensino de inglês e que pode ser acessado diversas vezes pelos alunos em diferentes momentos do dia.

Com o estudo e uso apropriado, consegue-se, então, tirar o máximo desse recurso e utilizá-lo como opção viável no contexto escolar. O seu uso possibilita a “aproximação e aprendizagem da língua inglesa no dia a dia e na vida real de cada aluno” (OLIVEIRA; CARDOSO, 2009, p. 95), seja na escuta ativa de um *podcast* já existente ou na confecção de um totalmente novo, várias habilidades linguísticas são trabalhadas em diversos níveis de fluência, a rotina pedagógica torna-se mais diversificada, a abertura para o uso de temas familiares aos estudantes fica mais fácil e, finalmente, os alunos tornam-se sujeitos ativos em seu processo de ensino-aprendizagem.

4. Proposta de aula

A elaboração de uma aula e produção de seu respectivo material didático precisa possuir um objetivo claro para sua melhor estruturação. Segundo Leffa (2008, p. 16), “a definição clara dos objetivos dá uma direção à atividade que está sendo desenvolvida com o uso do material”. Partindo dessa prerrogativa, apresentamos um plano de aula alicerçado aos seguintes objetivos: 1. incluir a perspectiva dos multiletramentos; 2. instruir e informar sobre a utilização do recurso *podcast*, para o melhor acesso e maior autonomia; 3. acessar as

diversificadas inteligências encontradas dentro da sala de aula e 4. praticar a língua inglesa em suas diferentes habilidades (escuta, escrita, leitura e fala) na perspectiva de língua em uso, sempre híbrida, polifônica e multimodal (BRASIL, 2017).

As propostas de aulas podem ser divididas em dois dias diferentes, ou quatro aulas de 50 minutos cada, porém dependerá do cronograma em vigor na escola de ensino e do perfil de cada sala em realizar atividades. Adaptações a essa sugestão são bem-vindas e necessárias para adequação ao público que será trabalhado e aos objetivos delineados para cada turma, pois, “realizar as necessárias adaptações e articulações [...] pode evitar ruptura no processo de aprendizagem, garantindo-lhes (aos alunos) maiores condições de sucesso.” (BRASIL, 2017, p. 55).

A aula 1 servirá para a apresentação do recurso didático, explanando seus usos e possibilidades, ademais para diferenciar possíveis inteligências encontradas no contexto da turma. Os materiais necessários são aparelho de som, quadro branco/quadro negro, piloto de quadro/giz.

A primeira aula será dividida entre a apresentação do recurso, compartilhamento de opiniões e pontos de vista, e, por fim, com atividades nos centros de aprendizagem.

A iniciação do projeto é um momento decisivo para a motivação e engajamento dos alunos. Apresentar com entusiasmo e agregando valor e importância ao objeto de estudo pode fazer diferença na recepção por parte de um número considerável de alunos. Para manter a motivação, “a atividade deve ser prazerosa para o aluno, despertar sua curiosidade e mantê-lo interessado no assunto, mesmo depois que tenha terminado.” (LEFFA, 2008, p. 33).

O professor iniciará a aula demonstrando o que é o *podcast*. A escolha do *podcast* utilizado é pessoal, mas recomenda-se um *podcast* em português sobre a língua inglesa. Indica-se perguntar o que os alunos já conhecem sobre o tema, desta forma, o professor incentiva a participação e conhece o quanto a turma conhece acerca do assunto a ser estudado. A apresentação de dois fragmentos de diferentes *podcasts* mostra-se também como uma alternativa viável, pois exemplifica as diversas possibilidades de criação e utilização. Algumas recomendações são o episódio 31 do NerdCast *Speak English*, intitulado Inglês Abrasileirado. Esse episódio mostra de maneira leve e engraçada palavras da língua inglesa que utilizamos diariamente no português, incluindo vocabulário específico de internet, marketing, administração e publicidade. O episódio é longo, então deve-se escolher com minuciosidade as partes para serem abordadas para o maior aproveitamento do tempo disponível e da atenção dos alunos.

Outra opção é o episódio 77 do *podcast English Experts*, intitulado por “Parece inglês, mas não é”. Esse episódio aborda palavras comuns no dia a dia, que tem ou parece ter raiz na língua inglesa, como por exemplo, outdoor, pendrive, shopping, entre outros. As palavras apresentadas são de conhecimento geral no português, logo os alunos podem manifestar interesse, uma vez que ativarão seu conhecimento prévio ao ouvir o *podcast*.

Após a apresentação do recurso *podcast*, será reservado um momento para os alunos exporem opiniões. Há diversas formas que esse passo possa ser colocado em prática. Levando em consideração as observações propostas por Armstrong (2009), tem-se alguns exemplos: divisão em grupos e confecção de um pôster para apresentação com as ideias principais dos alunos, ideal para trabalhar a inteligência linguística, visto que ela é exercida por pessoas que possuem “a capacidade de usar as palavras de maneira eficaz, sendo oralmente ou pela escrita” (ARMSTRONG, 2009, p. 6, tradução da autora)¹⁴; dividir os estudantes em duplas ou grupos pequenos para que a explicação seja feita dentro dessa equipe, ideal para alunos com inteligência intrapessoal, já que estes apresentam melhores resultados trabalhando com poucas pessoas (ARMSTRONG, 2009); ou o compartilhamento oral com a turma, um por vez, para os alunos que se sentem seguros para tal, ideal para inteligência interpessoal, posto que alunos nesse grupo possuem habilidade em influenciar pessoas e bom manejo nas relações interpessoais (ARMSTRONG, 2009).

Após os momentos introdutórios, inicia-se a maior parte da aula com atividades em grupo. Atividades grupais, ou centros, são uma estratégia que possibilita ao professor trabalhar diversas habilidades ao mesmo tempo dentro da sala de aula, adaptando-se, portanto, a diversas inteligências. A sala deve ser dividida em grupos, com as mesas postas juntas e, de preferência, em formato circular. Cada grupo realiza uma atividade diferente e, ao final do tempo estabelecido, esses grupos rotacionam – dando oportunidade para que todos realizem cada uma das propostas. Segundo Armstrong (2009, p. 42, tradução da autora)¹⁵, “a criação de centros de atividades para cada inteligência oferece oportunidades para ver como os alunos funcionam em cada área ou para quais áreas os alunos gravitam naturalmente quando são livres para escolher”. À vista disso, dividir a sala em diversos centros com objetivos diferentes aumenta a diversidade e incorpora o poder de escolha da parte do aluno.

¹⁴ No original: The capacity to use words effectively, whether orally (e.g., as a storyteller, orator, or politician) or in writing.

¹⁵ No original: Setting up activity centers for each intelligence provides opportunities for seeing how students function in each area or which areas students naturally gravitate toward when they are free to choose.

A explicação deve ser clara para que os alunos estejam aptos para realizar as atividades independentemente e o professor consiga observar seus pontos fortes e fraquezas. Segundo Gardner (2011, p. 17), quando um ponto fraco é observado antecipadamente, dá-se tempo hábil para criação de estratégias para potencializar o aspecto que está aquém do esperado.

As atividades nesses centros de aprendizagem focam em organizar a sala de aula de uma forma que acolha inteligências específicas (ARMSTRONG, 2009, p. 103) e podem ser adaptadas para cada realidade. A ideia principal que deve ser mantida é do professor oferecer uma gama de opções que exercite distintos tipos de inteligências, a fim de dar suporte aos diferentes alunos que existem dentro da sala de aula. Segundo Armstrong, “quando sugerimos aos alunos as possíveis ferramentas disponíveis para eles no desenvolvimento de um projeto personalizado - palavras, números, música, áudio, vídeo, drama, natureza, fotos e muito mais - eles têm maior probabilidade de se envolverem totalmente” (2009, p. 165, tradução da autora¹⁶). De início, os alunos farão os centros que escolherem, rotacionando em seguida, para exercitarem diversas habilidades e praticarem o assunto lecionado de diferentes formas.

Ao ministrar os grupos, primeiro, deve-se apresentar o que cada um faz, com modelagem e deixando exposto quais os objetivos de cada um, pois “a fim de realizar o objetivo esperado, o planejamento e a organização necessários para lançar projetos personalizados, os alunos precisam avaliar francamente seus próprios pontos fortes e fracos, engajar-se na definição de metas realistas e ajustá-las à medida que o projeto se desenvolve” (ARMSTRONG, 2009, p. 165, tradução da autora¹⁷). Apresentar e revisar diversas vezes durante as aulas as metas traçadas para cada atividade, auxilia os alunos a se conectarem e verem importância no centro realizado, ajudando-os a aprender porque ficam sabendo o que exatamente está sendo esperado (LEFFA, 2008, p. 17).

Em seguida, é importante deixar claro o número máximo de participantes de cada grupo, ocorrendo, dessa forma, a diversificação e divisão igualitária entre as atividades. Se, porventura, algum aluno não estiver no centro desejado na primeira vez, a rotação fará com que eventualmente ele o faça. Para isso, os centros deverão ter um tempo estabelecido, permitindo maior controle para realizar a rotação. Após a explicação, os alunos podem escolher qual centro iniciar, conforme o quadro 2:

¹⁶ No original: When we suggest to students the possible tools available to them in developing a personalized project—words, numbers, music, audio, video, drama, nature, photos, and much more—they are more likely to be fully engaged.

¹⁷ No original: In order to do the envisioning, planning, and organization required to launch personalized projects, students need to frankly assess their own strengths and weaknesses, engage in realistic goal setting, and adjust their goals as the project unfolds.

Quadro 2: Grupos de atividades

Grupo 1	Atividade de múltipla escolha sobre os <i>podcasts</i> apresentados (inteligência linguística, intrapessoal)
Grupo 2	Gravação de um vídeo explicativo sobre o conteúdo dos <i>podcasts</i> . O grupo pode realizar essa atividade do lado externo da sala, se preferir. (inteligência interpessoal, corporal-cinestésica)
Grupo 3	Elaboração de um texto sobre os <i>podcasts</i> . Linhas mínimas são estipuladas pelo professor vigente. (inteligência intrapessoal)
Grupo 4	Escrita de paródia musical com as informações obtidas pelos <i>podcasts</i> (inteligência musical)

Ao final de todas as rotações, o exercício da auto-avaliação por parte dos alunos é muito rico para observação do professor e para a prática de autonomia dos estudantes. Segundo Armstrong (2009, p.132, tradução da autora)¹⁸, a auto-avaliação, quando autêntica e bem feita:

Dá ao professor uma "sensação" da experiência única da criança como aluno. [...] Permite que os professores desenvolvam currículos significativos e avaliem dentro do contexto desse programa. Avalia continuamente de uma forma que forneça uma imagem mais precisa das conquistas do aluno. [...] Coloca ênfase nos pontos fortes do aluno; diz o que eles podem fazer e o que estão tentando fazer. Fornece várias fontes de avaliação que dão uma visão mais precisa do progresso do aluno. Trata cada aluno como um ser humano único.

Tendo em vista os grupos acima sugeridos e a magnitude da avaliação concebida por Armstrong, segue no Apêndice 1.0 um exemplo de avaliação que pode ser utilizado. No apêndice, há comportamentos e percepções conectados diretamente às atividades propostas e segmentados por inteligências. Além de proporcionar ao professor uma percepção maior de cada aluno, também auxilia o estudante a se perceber enquanto agente ativo no processo de ensino-aprendizagem.

As aulas 2 e 3 abordarão a apresentação da ideia e as divisões dos grupos. Além disso, acontecerá um brainstorming de temas, com divisão de responsabilidades e continuação dos centros de aprendizagem.

¹⁸ No original: Gives the teacher a “felt sense” of the child’s unique experience as a learner. Allows teachers to develop meaningful curricula and assess within the context of that program. Assesses on an ongoing basis in a way that provides a more accurate picture of a student’s achievement. Puts the emphasis on a student’s strengths; tells what they can do and what they’re trying to do. Provides multiple sources of evaluation that give a more accurate view of a student’s progress. Treats each student as a unique human being

Ao aprofundarem seus conhecimentos acerca do que é um *podcast*, seus benefícios e potencialidades, iniciamos a fase de criação de um próprio *podcast* por parte dos alunos. Essa atividade provavelmente durará até duas aulas: uma para preparo e outra para gravação. A apresentação do projeto para os alunos deve seguir os direcionamentos previamente discutidos: de forma engajada e acolhedora. Após o momento inicial, deve-se dividir a sala em pequenos grupos e realizar o *brainstorm* de ideias sobre os temas do *podcast*. Incentive os alunos a escolherem temas que fazem parte da própria cultura, gostos pessoais, sonhos coletivos, entre outros. O inglês pode ser trabalhado com qualquer tema escolhido.

Quando os temas forem decididos, chega-se na parte de confecção do *podcast*. Aqui, todas as habilidades no ensino da língua inglesa podem ser trabalhadas: leitura ao acessar textos para enriquecer o conteúdo do *podcast*, escrita ao realizar o *script* utilizado para a gravação, e a escuta e fala no momento de gravar o áudio *podcast*.

Não é esperado que os alunos falem o *podcast* totalmente em inglês. No início, eles podem “entrevistar” uma pessoa que fala inglês, ou analisar alguma notícia sobre o tema em inglês, entre muitas outras ideias que podem ser incorporadas para que a língua faça parte do projeto.

Para a gravação, um celular é necessário. Pode-se pedir o silêncio da turma durante o período da gravação, ou encaminhá-los para alguma sala vazia, que pode ser uma sala de aula ou até mesmo administrativa, se conversado previamente com a liderança da escola. A gravação também pode ser realizada em casa, a depender da realidade de cada aluno.

Finalmente, após a finalização dos *podcasts*, ocorrerá a apresentação do resultado para a classe, sendo esse um momento gratificante para os envolvidos. A realização de uma autoavaliação para encerrar o projeto também é recomendável, seguindo os modelos do Apêndice 1.0.

Dessa forma, dentro de no mínimo 4 aulas, os alunos trabalham as quatro habilidades envolvidas no estudo de uma segunda língua, além de manusearem o tema de diferentes formas, descobrindo-o, desbravando-o e conhecendo-o à luz de diversas perspectivas. Dá-se, portanto, oportunidade para o estudante exercer sua maior aptidão enquanto realiza a atividade proposta em sala de aula.

Conclusão

Aprender língua inglesa em um mundo globalizado é uma atividade com infinitas possibilidades de execução. Por ser tão amplo, há muitos recursos para criação de um plano de

aula rico e que abrace salas de aulas distintas. Este plano deve ser analisado e ponderado dentro de cada contexto escolar, para respeitar as diversidades de cada sala de aula.

Aprender a língua inglesa propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, em que as fronteiras entre países e interesses pessoais, locais, regionais, nacionais e transnacionais estão cada vez mais difusas e contraditórias (BRASIL, 2017, p. 237)

Mesmo no meio da mundialização, a consolidação do uso da internet e recursos tecnológicos das escolas ainda acontece com dificuldade e de forma pouco consistente (GUIMARÃES, 2007), de maneira lenta e, muitas vezes, quando aplicadas, com abordagens básicas e rápidas. Sabe-se, entretanto, da quantidade exorbitante de informação disponível no tempo atual sobre estratégias e estilos de aprendizado, e esse fator abre oportunidades para os estudantes aprenderem a monitorar seu processo de ensino-aprendizagem e maximizarem seu potencial ao aprender (KUMARAVADIVELU, 2001).

Dando importância aos aspectos identitários diferenciados, contexto sociocultural, acesso à tecnologia e múltiplas inteligências, percebe-se a relevância de aulas voltadas ao Multiletramento, pois essa perspectiva possui formas amplas de uso e representações, maiores que somente a linguagem, já que se diferenciam pela cultura e contexto (COPE, KALANTZIS, p. 200), indo de encontro a forma tradicionalista de ensinar língua inglesa, utilizando, no processo de criação de um plano de aula, o aspecto relevante do meio social, expectativas e diferenças por parte dos alunos. Também sendo amparada pela BNCC, a prática do Multiletramento possibilita o uso de recursos de diversas formas, de maneira includente e de equidade.

Sob essa ótica, evidencia-se, portanto, as variadas formas de aprender que distintos alunos apresentam. Os estudos de Gardner (2011) e as análises de Armstrong (2009) mostram os mais diversos e inclusivos tipos de inteligências, que podem aparecer fora e dentro de sala de aula, conectando-se e aflorando no momento de ensino-aprendizagem.

Eu argumento que há evidências convincentes para a existência de várias competências intelectuais humanas relativamente autônomas [...] a convicção de que existem pelo menos algumas inteligências, que estas são relativamente independentes umas das outras, e que podem ser moldadas e combinadas em uma multiplicidade de formas adaptativas por indivíduos e culturas, parece-me cada vez mais difícil de negar. (GARDNER, 2011, p. 9, tradução da autora)¹⁹

¹⁹ No original: I argue that there is persuasive evidence for the existence of several relatively autonomous human intellectual competences [...] the conviction that there exist at least some intelligences, that these are relatively independent of one another, and that they can be fashioned and combined in a multiplicity of adaptive ways by individuals and cultures, seems to me to be increasingly difficult to deny.

Levando todo o exposto em consideração, o presente artigo se propôs a mostrar as potencialidades de um recurso em específico, o *podcast*, frente a um mundo globalizado e em uma sala de aula com alunos dotados de múltiplas inteligências. É imprescindível que a escola leve em consideração essas novas formas de aprender, que utilizem o avanço dos estudos no campo educacional a seu favor e aprimorem os planos de aula, ajudando na formação de alunos mais críticos, autônomos em seu processo de aprendizagem e conscientes do poder da educação. Como já está previsto na BNCC (2017, p. 57):

É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma atitude crítica em relação ao conteúdo e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes.

Vê-se que o *podcast* é uma forma válida e simples de entregar essas ponderações no plano de aula, de maneira leve e motivadora para os alunos, por sua característica peculiar de conseguir se encaixar em diversos temas. Assim, com tempo, prática, estudo e dedicação, o professor consegue expandir os horizontes dentro da escola e atingir diferentes tipos de inteligências, concebendo mais alunos no momento de aprender, transformando-os em cidadãos mais autônomos e conscientes de seus próprios processos e, por fim, ensinando a língua inglesa de forma lúdica, confortável e equitativa.

Referências

ALBACH, Juliana Santos. O uso que os jovens fazem da internet: Relações com a escola. In: **Revista Eletrônica da Educação**, v. 8, 2014, p.138-159.

ARMSTRONG, Thomas. **Multiple Intelligences in the Classroom**. 3ª Edição. Alexandria, VA: ASCD, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular - BNCC**, versão aprovada pelo CNE, novembro de 2017. Brasília, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>
Acesso em 06 abril 2021.

BRASIL. **Portaria do Ministério da Educação**. Número 343 de 17/04/2020. Brasília, 2020.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiliteracies: the beginnings of an idea. In: **Multiliteracies. Literacy Learning and the Design of Social Futures**. Routledge, 2000, p. 3 – 8

COSCARELLI, Carla Viana. Multiletramentos e empoderamento na educação. In: Obdália, Ferraz (org). **Educação, (multi)letramentos e tecnologias**. Edufba, 2019, p. 61 - 78.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

Dicionário elege “*podcast*” como palavra do ano. **BBC Brasil.com**. 07 de setembro de 2005, disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/story/2005/12/051207_podcastms
Acessado em: 15 de setembro de 2020.

FERRAZ, Daniel. Novos letramentos e educação de línguas estrangeiras: problematizações e desafios. In: Stella, P. R.; Cavalcanti, I.; Tavares, R.; Ifa, S. (orgs). **Transculturalidade e De(s)colonialidade nos Estudos em Inglês no BraZil**. Edufal, 2014, p. 53-83.

FREIRE, Maximina Maria. Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando ... In: Soto. Ucy. Mayrink, Mônica. Ferreira; Gregolin, Isadora. Valencise. (orgs).

Linguagem, educação e virtualidade: experiências e reflexões. Cultura Acadêmica, 2009, p. 13-28.

LEFFA, Wilson Júnior. Como produzir materiais para o ensino de línguas. In: LEFFA, V. J. (Org.). **Produção de materiais de ensino: prática e teoria.** 2. ed. Pelotas: Educat, 2008, p. 15-41.

GARDNER, Howard. **Frames of mind – The Theory of Multiple Intelligences.** 2011. 3ª edição.

GUIMARÃES, Jany Mary de Medeiros. Educação, Globalização e Educação à Distância. **Revista Lusófona de Educação,** 2007, 9, p. 139 - 158.

HETKOWSKI; Tânia Maria; MENEZES, Cátia Nery. Práticas de multiletramentos e tecnologias digitais: múltiplas aprendizagens potencializadas pelas tecnologias digitais. In: O., Ferraz (org). **Educação, (multi)letramentos e tecnologias.** Edufba, 2019, p. 205 - 229.

KUMARAVADIVELU, Bala. Toward a postmethod pedagogy. In: **Tesol Quartely,** vol. 35, no. 4, 2001, p. 537 – 560.

MARCHETI, Ana Paula do Carmo. **Aula expositiva, seminário e projeto no ensino de engenharia: um estudo exploratório utilizando a teoria das inteligências múltiplas.** Dissertação - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2001.

MOREIRA, José Antônio; SCHLEMMER, Eliane. Por um novo conceito e paradigma de educação digital online. **Revista UFG,** v. 20, 2020.

OLIVEIRA, Susana Alexandra; CARDOSO, Eduardo Luís. Novas Perspectivas no Ensino da Língua Inglesa: Blogues e Podcasts. In: **Revista Educação, Formação & Tecnologias.** 2009, v 2, n 1, p. 87-101.

PEREIRA, Márcia Moreira. Letramento(s): Uma introdução aos multiletramentos. In: **Revista Caminhos em Linguística Aplicada.** Volume 11. 2014, p. 147 – 156.

PINHEIRO, Petrilson Alan. Sobre o manifesto: A pedagogy of multiliteracies: design social features – 20 anos depois. In: **rab. Ling. Aplic.,** Campinas, n(55.2): 525-530, mai./ago. 2016. p. 525 – 530.

REIS, Susana Cristina; GOMES, Adilson Fernandes; LINCK, Anderson J. M. Uso de *podcast* no ensino de língua inglesa: um estudo de caso. In: **Revista Escrita**, 2012, p. 1–18.

SANTOS, Rodolfo Rodrigues; IFA, Sérgio. O letramento crítico e o ensino de inglês: reflexões sobre a prática do professor em formação continuada. In: **the ESpecialist**, v. 34, n. 1, 2013, p. 1-23.

TOMÉ, Irene. Uso do Podcast no ensino-aprendizagem. In **Educação On-line. Conceitos, metodologias, ferramentas e aplicações**. Editora CRV. p. 100-115.

Apêndice 1.0

Auto-avaliação - Atividades Grupais sobre Podcasts

Inteligência Linguística

Eu expressei meu entendimento pela escrita de forma satisfatória

Consigo explicar o que aprendi sobre podcasts por meio da fala e da escrita

Consigo explicar o que aprendi do tema do podcast ouvido por meio da fala e da escrita

Senti facilidade em escrever sobre o podcast.

Inteligência Lógico-matemática

Senti afinidade em saber como a produção de um *podcast* ocorre.

Fiz, de forma satisfatória, a organização de etapas na produção do *podcast* e na realização das atividades.

Gostei dos centros de aprendizagem por dividir as atividades em categorias e habilidades.

Inteligência Espacial

Busquei material de apoio visual mais que escrito ou auditivo.

Consegui, de maneira satisfatória, por meio de desenhos ou vídeos, expressar o conhecimento obtido dos *podcasts*.

Inteligência Corporal Cinestésica

Nos centros de aprendizagem, usei movimentos corporais para focar e/ou atingir os objetivos necessários da atividade.

Minhas melhores ideias vêm quando estou em movimento.

Quando escuto o podcast, concentro-me melhor quando estou em movimento.

Inteligência Musical

Fiquei motivado ao fazer uma paródia sobre *podcasts*.

Senti interesse quando comecei a ouvir *podcasts*.

Acrescentei partes musicais no *podcast* que produzi.

Inteligência Interpessoal

As minhas atividades prediletas, que eu melhor trabalhei, foram as grupais.

Gostei de trabalhar em grupos nos centros de aprendizagem e acho que fui produtivo por causa do contato com as outras pessoas.

Inteligência Intrapessoal

As atividades individuais foram as minhas prediletas, pois eu trabalhei melhor.

Gostei de trabalhar sozinho nos centros de aprendizagem e acho que fui produtivo por conta disso.